



“TERRITÓRIO CÚMPLICE” E “RELICARIUM” JUNTOS NO MESMO ESPAÇO

Agostinho Santos apresenta exposição em conjunto com jovem artista madeirense

Esta é já a 49ª exposição individual de Agostinho Santos mas, desta vez, o artista e jornalista portuense está acompanhado por um jovem madeirense, Diogo Goes. “Território Cúmplice”, de Agostinho Santos, e “Relicarium”, de Diogo Goes, são as duas exposições que estão patentes na Galeria AP’Arte, no Porto, acabando por se fundir e construir, assim, uma única mostra. Dada a semelhança entre os trabalhos e a correspondência de influências, Diogo Goes espera que esta exposição lhe abra o caminho e agradece a Agostinho Santos o facto de ter acreditado no seu trabalho.

Por Joana Vasconcelos

Foi inaugurada, na passada sexta-feira, a mais recente exposição de Agostinho Santos numa das maiores galerias de arte da Rua Miguel Bombarda, a AP’Arte. Contudo, o artista e jornalista portuense não está sozinho neste espaço. A convite do próprio, Agostinho Santos tem ao seu lado o jovem artista madeirense Diogo Goes, que apresenta, pela primeira vez, uma exposição individual numa galeria comercial.

“Território Cúmplice” é o nome desta 49ª exposição individual de Agostinho Santos, que estará patente até ao próximo dia 21 de Maio, e onde são dadas a conhecer obras que o artista produziu entre 2000 e 2011, algumas das quais pela primeira vez. “Tem mais de 50 obras em pintura e em escultura, onde regresso com os meus temas de sempre que é alertar para a violência, para as desigualdades e para as injustiças. Ao mesmo tempo, acaba por ser um passeio pelo meu trabalho dos últimos anos”, explicou. O artista admitiu ao AUDIÊNCIA que era um orgulho expor numa galeria como a AP’Arte, a convite de um dos donos, principalmente numa altura em que decorre o circuito das galerias na Rua Miguel Bombarda. “Esta é uma das melhores galerias do circuito e é muito bom estar cá quando o circuito começa, precisamente, amanhã [sábado]. Acima de tudo é uma forma de passarmos a nossa mensagem a milhares de pessoas. Claro que o objectivo da exposição não é só esse, mas ficasse sempre satisfeito por haver o circuito ao mesmo tempo”, referiu. Um dos pretextos desta exposição é o de o artista mais conhecido convidar um jovem artista, neste caso, Diogo Goes, madeirense e estudante da Faculdade de Belas-Artes, que vive no Porto desde 2007. Diogo Goes explicou ao AUDIÊNCIA que se “identificava com o trabalho de Agostinho Santos, não só pelas mesmas influências, como pelos mesmos suportes e conceitos”, o



Diogo Goes admite que O Espectador Ignorante é a sua obra predilecta

que levou o artista portuense a fazer-lhe o convite, dada a correspondência dos trabalhos, durante uma entrevista que lhe fez, enquanto jornalista, durante o Serralves em Festa.

“Agradeço imenso ao Agostinho por me fazer este convite. Espero que esta oportunidade me traga mais notoriedade, porque o acreditar do Agostinho constitui para mim uma mais-valia. É um privilegio estar a expor com ele e espero que me abra outros caminhos”, admitiu o jovem artista.

Diogo Goes explicou, igualmente, que “o galo e as galinhas, numa componente política e religiosa” são o seu tema de eleição. “É um tema que procuro manifestar através de um registo indirecto. No plano político, o galo enquanto anúncio da revolução, e numa componente religiosa tem associação com S. Pedro, que negou três vezes e o galo cantou também três vezes. A cor púrpura está bastante presente, tanto pela questão da penitência na

teologia, como na questão do império na política”, esclarece o autor. Apesar da sua juventude, Diogo Goes tem já uma ideia bastante clara do mundo da arte em Portugal, e admite mesmo que é tudo “uma questão de trabalho”. “Acho que é papel da sociedade civil mostrar, é papel do Estado não criar obstáculos, mas a dinamização compete à sociedade civil e enquanto não houver trabalho, não haverá obra. O papel da arte é educar, é ser o papel crítico das consciências. Se compete à arte instruir penso que tem de ser um tema central e que o Estado português devia apostar em políticas para a cultura como políticas dinamizadoras do meio económico”.

A inauguração da exposição contou com a presença de amigos de ambos os artistas, entre os quais se destacam a vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Espinho, Manuela Aguiar, e o professor Armando Coelho.

Portugal de ilusões e ilusionistas



Por Vitor Fernandes

Após uma ausência por razões profissionais, regresso ao Jornal Audiência com o meu apontamento semanal de opinião económica. Como sempre faço desde já a minha declaração de interesses, não sou filiado nem apoiante de qualquer partido Político, e os meus artigos de opinião são de opinião pessoal com base nos meus critérios técnicos, profissionais e de consciência cívica.

Durante vários meses escrevi alguns artigos no Jornal Audiência e outros, onde insisti que era inevitável o recurso a uma solução de apoio financeiro, fosse então o FMI ou qualquer outra dentro do seio da Comunidade Europeia. Os dados das anteriores execuções de orçamento eram por demais evidentes da incapacidade de Portugal gerar receitas que colocassem o défice público nos padrões que a nossa Comunidade Europeia exige aos estados-membros. Escrevi várias vezes que logo que Portugal tivesse que pagar o vencimento das emissões de títulos nos mercados, seria então o “Cabo das Tormentas”, pois era impossível manter o financiamento a um país com taxas de juro tão altas. Os Portugueses não conseguem ter noção real do quanto a economia se afundava a cada dia que Portugal sacrificava os seus contribuintes para pagarem taxas de juro tão altas. Era impossível manter este jogo de aparências, e só quando a Banca sentiu a sua solvência em eventual risco, então (e já muito tarde) se acordou para uma realidade.

A conselheira do FMI, Estrela Barbot, cuja competência a imparcialidade não se questiona, deixou recentemente bem claro que a entrada do FMI em Portugal não se deve ao chumbo do PEC 4, mas sim à insustentabilidade das finanças Portuguesas e ao descrédito completo por parte dos mercados e dos investidores na Economia Portuguesa; e que as medidas agora muito gravosas que vão ser tomadas poderiam ser menos pesadas se Portugal tivesse recorrido à 1 ano à ajuda externa. As medidas agora exigidas serão talvez as mais duras de sempre da história Portuguesa. É um preço elevado que os Portugueses vão pagar pelo adiar do inevitável, e por se tentar andar a “tapar o sol com a peneira”. Cada Português, já além de todas as suas obrigações e da enorme dificuldade em sobreviver neste estado da economia, ainda deve em média 20 mil euros ao estrangeiro! Quem paga isto? Os mesmos de sempre, o POVO; que acreditou em ilusões de uma classe política que continuam a auferir rendimentos de fortunas vivendo com total desconhecimento do país real.

Claro que o reinado do “país maravilha” que José Sócrates vendeu aos Portugueses falou mais alto; todos os dias as falsas ilusões de José Sócrates distorciam os Portugueses da verdadeira realidade do estado caótico das contas Portuguesas, além de hipotecar seriamente o estado da nação e o desenvolvimento económico dos próximos anos para todos os Portugueses. Como disse – e bem – Medina Carreira, este José Sócrates é um homem que mentiu com todos os dentes, enganou o Portugueses em nome das ilusões protagonizadas por um ilusionista amador, de baixa categoria e que devia ser julgado por gestão danosa e criminoso contra a nação.

Do mundo internacional chega-nos também o “fim” de Osama BinLaden, um “inclassificável” terrorista que espalhou o terror e o ódio anti-ocidental pelo Mundo. Uma perda que no mínimo fará o mundo acordar mais feliz, na esperança que definitivamente o bem vença o mal; porém a morte do “vilão” não acabará com o terrorismo.

* - Gestor e Analista de Mercado de Capitais